

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – CEAD – PONTAL DO PARANÁ**

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA DO EDUCANDO PORTADOR DE NECESSIDADES  
ESPECIAIS NO PROCESSO DE SEU DESENVOLVIMENTO DE ZERO A DOIS  
ANOS.**

**PONTAL DO PARANÁ - PR**

**2004**

**JAQUELINE BENSI SIQUEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA DO EDUCANDO PORTADOR DE NECESSIDADES  
ESPECIAIS NO PROCESSO DE SEU DESENVOLVIMENTO DE ZERO A DOIS  
ANOS.**

**Monografia apresentada como  
requisito à obtenção do grau de  
Especialista em Educação Inclusiva,  
Curso de Pós-Graduação em Educação  
Inclusiva, Universidade Federal do  
Paraná-UFPR e Centro de Educação à  
Distância de Pontal do Paraná-CÉAD.**

**Orientadora: Naura Nanci Muniz Santos**

**PONTAL DO PARANÁ - PR**

**2004**

Dedico este trabalho ao meu querido esposo Cláudio, que muitas vezes abriu mão de minha atenção e carinho para que eu pudesse me dedicar a mais esta etapa de minha formação profissional, e à minha família, o meu alicerce.

Meus sinceros agradecimentos à professora Naura Nanci Muniz Santos, por ter dedicado seu tempo e conhecimento, sempre disponível para esclarecimentos de minhas dúvidas no processo de realização deste trabalho.

A todos os amigos que contribuíram com indicações de bibliografias e empréstimos de livros.

Agradeço também aos pais que, gentilmente responderam aos questionários.

Aos meus bebês-alunos, minha fonte inspiração.

*A todos aqueles que dedicam seus conhecimentos, dedicação e amor à Educação Especial e a nossos alunos, produtos desse afeto e carinho.*

### **A Pérola e a Ostra**

*“Uma ostra que não foi ferida não produz pérolas...”*

*Pérolas são produtos da dor; resultados da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia.*

*Na parte interna da concha é encontrada uma substância lustrosa chamada ‘nácar’. Quando um grão de areia a penetra, as células do nácar começam a trabalhar e cobrem o grão de areia com camadas e mais camadas, para proteger o corpo indefeso da ostra.*

*Como resultado, uma lida pérola, vai se formando.*

*Uma ostra que não foi ferida, de algum modo, não produz pérolas, pois a pérola é uma ferida cicatrizada...*

*As pérolas são feridas curadas.*

## RESUMO

Esta pesquisa visa apresentar conceitos sobre o desenvolvimento infantil da criança com idade entre zero e três anos de idade, abordando as pesquisas realizadas por autores como Piaget, Vygotsky, Wallon, Spitz e Winnicott. O foco principal é a importância da afetividade e do relacionamento familiar para que o desenvolvimento da criança especial portadora de necessidades especiais entre zero e três anos de idade, se dê em sua totalidade, levando-a a exercer seu papel na sociedade, independente de sua dificuldade ou deficiência. As leis que regem os direitos e deveres dos cidadãos são aplicadas desde o seu nascimento, ressaltando que a educação está presente desde os primeiros meses de vida. Cabe à família, ao Estado e à escola, proteger a criança das adversidades a que estão expostas propiciando uma melhor qualidade de vida além de perspectivas para um futuro em que a discriminação seja extinta, em qualquer ramo da sociedade. Os pais dos alunos portadores de necessidades especiais, da Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço” – APAE de Paranaguá são o objeto de estudo para a comprovação dos fatos pesquisados com os especialistas em áreas afins, através de questionário abordando questões relacionadas à aceitação, escola especial e interação dos pais com seus bebês.

## ABSTRACT

This research aims at to present concepts on the infantile development of the child with age between zero and three years of age, being approached the research carried through for author as Piaget, Vygotsky, Wallon, Spitz and Winnicott. The main focus is the importance of the affectivity and the familiar relationship so that the special development of the carrying special child of necessities between zero and three years of age, if it gives in its totality, taking it to exert its paper in the society, independent of its difficulty or deficiency. The laws that conduct the rights and duties of the citizens are applied since its birth, standing out that education is present since the first months of life. It fits to the family, the state and the school, to protect the child of the adversities the one that are displayed propitiating one better quality of life beyond perspectives for a future where the discrimination is extinct, in any branch of the society. The parents of the carrying pupils of necessities special, of the School of Special Education "Maria Nelly Picanço" – APAE of Paranaguá are the object of study for the evidence of the facts searched with the specialists in similar areas, through questionnaire approaching questions related to the acceptance, special school and interaction of the parents with its babies.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE ZERO A DOIS ANOS.....</b>	<b>3</b>
<i>1.1 Contribuições Piagetianas.....</i>	<i>6</i>
<i>1.2 Contribuições de Vygotsky.....</i>	<i>9</i>
<i>1.3 Contribuições de Wallon.....</i>	<i>11</i>
<i>1.4. Spitz E As Relações Sociais.....</i>	<i>12</i>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>O BEBÊ PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS, SUA ESTIMULAÇÃO, A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO ACONSELHAMENTO AOS PAIS .....</b>	<b>19</b>
<i>2.1 A Estimulação da Criança de Zero a Dois Anos - Fenômenos Envolvidos no Processo da Plasticidade .....</i>	<i>22</i>
<i>2.2 Os Pais, as Relações Familiares e o Aconselhamento .....</i>	<i>23</i>
<i>2.3 A Educação Infantil como Direito Da Criança .....</i>	<i>24</i>
<i>2.4 A Educação Especial Desde a Primeira Infância .....</i>	<i>28</i>
<i>2.5 A Escola Que Buscamos: A Proposta APAE Educadora .....</i>	<i>30</i>
<i>2.6 Áreas a Serem Desenvolvidas .....</i>	<i>33</i>
<i>2.7 O Papel do Aconselhamento aos Pais .....</i>	<i>34</i>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DA ENTIDADE.....</b>	<b>35</b>
<i>3.1. Descrição da Pesquisa de Campo .....</i>	<i>37</i>
<i>3.2 A Voz Dos Pais.....</i>	<i>39</i>

<b>REFLEXÕES CONCLUSIVAS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	43
<b>APÊNDICE</b> .....	45

## INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos tem sido abordada a questão da estimulação do desenvolvimento infantil. Os bebês necessitam receber estímulos para se desenvolverem, mas estes precisam ser realizados de forma natural, baseados no relacionamento normal de amor e carinho que deve existir entre pais e filhos. Só assim, tornar-se-ão adultos capazes de conviver na sociedade, respeitando os demais e não competindo com os outros.

Esta pesquisa justifica-se pela importância do afeto nas relações que tem, cada vez mais ocupado espaço na sociedade.

O presente trabalho foi realizado na Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço”, Paranaguá, na qual as famílias e seus bebês portadores de necessidades especiais estão constantemente procurando construir e elaborar sentimentos por meio da reavaliação diária das potencialidades a serem exploradas. Também caminham juntas a aceitação deste ‘novo ser’, levando-o a um desenvolvimento global. Essa aceitação muitas vezes é difícil para as famílias se não compreendem que o bebê, quando bem estimulado, tende a reelaborar suas ações. Sendo assim, questiona-se *qual é o papel desenvolvido pelo aconselhamento aos pais a respeito das potencialidades a serem exploradas e como sua aceitação poderia melhorar a qualidade de vida da criança.*

Como objetivo principal do presente trabalho foi estabelecido:

- Pesquisar a importância do aconselhamento para a família do educando portador de necessidades especiais em seu desenvolvimento global, na fase de zero a dois anos.

Em função das questões apresentadas elaboraram-se os seguintes pressupostos:

- A família é o alicerce do processo de desenvolvimento do portador de necessidades especiais com idade entre zero e dois anos propiciando um desenvolvimento próximo aos padrões estabelecidos pelos estudiosos como adequado nesta faixa etária.
- O aconselhamento aos pais a respeito do diagnóstico precoce do portador de necessidades especiais significa melhor desenvolvimento global das potencialidades do mesmo, conduzindo à melhor qualidade de vida.

- A sensibilização dos pais sobre a importância do vínculo afetivo entre eles e o seu bebê, pode representar melhores condições de desenvolvimento deste.

A metodologia adotada foi uma pesquisa documental e de campo, quanti-qualitativa, relacionada às concepções de interação entre pais e filhos; a coleta de dados em uma escola especial.

A pesquisa de campo foi realizada com base em questionário aplicado a 10 (dez) pais e 10 (dez) mães de alunos portadores de necessidades especiais da Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço”, APAE de Paranaguá, com zero a dois anos de idade.

O trabalho aqui relatado está organizado da seguinte forma:

Na introdução se apresenta uma visão geral, contendo o tema, sua justificativa, objetivos e pressupostos, apontando a metodologia adotada bem como a visão final desta pesquisa.

No Capítulo II, abordam-se as várias contribuições feitas por Piaget, Vygotsky, Wallon sobre o desenvolvimento humano, além da formação do cérebro e suas funções.

Já no Capítulo III especifica-se sobre a criança portadora de necessidades especiais, o papel dos pais e a importância de suas relações no desenvolvimento do bebê.

O Capítulo IV trata da caracterização da entidade em que foi realizada a pesquisa, apresenta os dados obtidos e também a análise destes.

Para finalizar, estão descritas as Reflexões Conclusivas sobre o trabalho desenvolvido com portadores de necessidades especiais, de zero a dois anos.

Encontra-se no Apêndice o formulário utilizado para a coleta de dados.

## CAPÍTULO I

### O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE ZERO A DOIS ANOS

Com a modernidade, surgiu também a crença de que há necessidade de se estimular a criança desde pequena, visando a um futuro promissor e de campeã perante a sociedade.

Dois fenômenos, porém, são peculiares a todos os organismos jovens: o crescimento e o desenvolvimento.

O primeiro refere-se ao aumento do corpo físico por aumento das células, em tamanho ou número, variando conforme o órgão ou tecido do organismo.

Já o desenvolvimento significa a capacidade de adquirir novas habilidades e de desenvolver tarefas cada vez mais complexas, abrangendo as dimensões psicológica, neurológica e motora, sendo por isso chamado de desenvolvimento neuropsicomotor.

Para que ocorra esse desenvolvimento é necessário compreender algumas funções do sistema nervoso, pois é através do cérebro que os estímulos são interpretados, compreendidos e armazenados.

As fisioterapeutas MARIA DE FÁTIMA e SILVANA MIRANDA (p.23) apresentam algumas informações a respeito da divisão anatômica do sistema nervoso.

De acordo com a sua posição no corpo (posição anatômica) em sistema nervoso central (SNC) e sistema nervoso periférico (SNP).

Como o próprio nome diz, o SNC é aquele que está localizado no "centro do corpo". É formado pelo cérebro, que se localiza dentro da caixa craniana (cabeça) e medula espinal, um cordão grosso que passa por dentro da coluna vertebral (no meio das costas)

O SNP localiza-se distribuído e espalhado por todo o corpo (por isso o nome periférico, pois vai até a periferia de todas as partes do nosso corpo), e é formado pelos nervos, que são cordões esbranquiçados que ligam o SNC a todos os órgãos do corpo e vice-versa Fig. 4.1).

Feita a abordagem do funcionamento do sistema nervoso, especificam o papel do neurônio, ou seja, de cada célula componente do SN.

Sua função é transpor os impulsos elétricos recebidos por ela para o

próximo neurônio. Assim, no primeiro neurônio os estímulos são captados do ambiente, e ele o passa para o próximo neurônio. Cada um dos neurônios passa a mensagem recebida para o seu próximo e, de neurônio em neurônio, ela chega até o cérebro, onde os estímulos elétricos relacionados com essa mensagem serão analisados, elaborados e, eventualmente, memorizados.

A forma e as partes de um neurônio estão esquematizadas a seguir (Fig. 4.2).

Os estímulos nervosos são transportados em forma de impulsos elétricos. Eles "caminham" no sentido centrífugo (afastando-se) ao corpo celular, passando para o próximo neurônio

A velocidade com que esses estímulos caminham (chamada de velocidade de condução) depende da presença ou não da bainha de mielina, que "encapa" o prolongamento axonal. Quando ela está presente, a velocidade dos impulsos elétricos é maior, pois eles "saltam", como mostrado na figura. Assim, um neurônio sem bainha de mielina conduz mais lentamente os impulsos.

FIG. 1 – ESQUEMA SIMPLIFICADO DA DIVISÃO DO SISTEMA NERVOSO

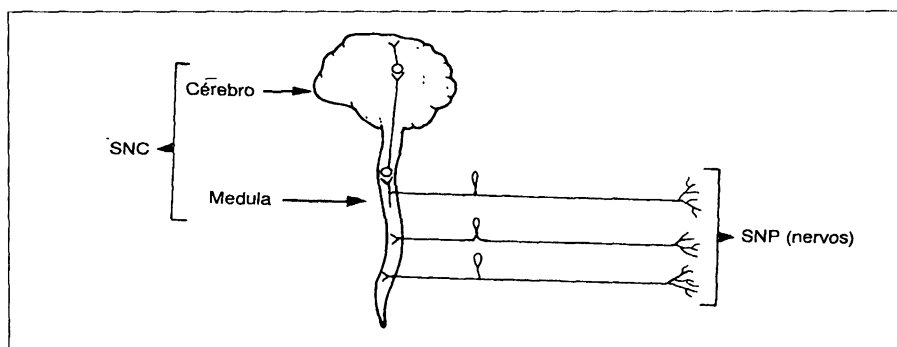
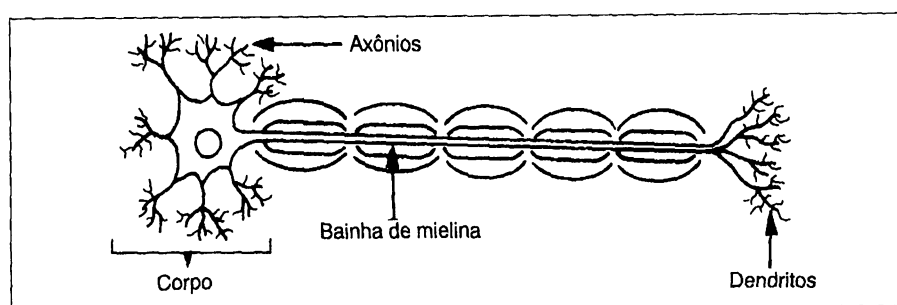


FIG. 2 – ESQUEMA SIMPLIFICADO DE UM NEURÔNIO



Ainda em relação ao funcionamento do sistema nervoso, as sinapses constituem a ligação entre os neurônios.

As sinapses são as ligações entre um neurônio e outro. O que faz com que o impulso elétrico passe de um neurônio ao outro, através da sinapse, são substâncias químicas presentes no local.

É muito importante o estudo das sinapses porque depende em grande parte do funcionamento e do aumento do número delas o aprendizado, isto é, a aquisição de habilidades globais que se desenvolvem desde o nascimento, principalmente nos primeiros anos de vida e em menor quantidade por toda a vida

A formação das sinapses não está restrita ao período pré-natal (antes do nascimento). No cérebro humano, o estabelecimento das sinapses entre os neurônios ocorre em sua maior parte após o nascimento. Antes deste, existem apenas as ligações necessárias para o funcionamento das funções vitais do bebê e que garantem sua sobrevivência após o parto. A contínua formação de sinapses após o nascimento depende dos estímulos ambientais por alterações nas sinapses, fazendo com que a propagação do estímulo elétrico seja interrompida.

O arco reflexo defende o ser humano durante as situações em que este precisa defender-se e agir de forma rápida.

O arco reflexo ocorre em nível medular (de maneira inconsciente), fazendo com que o ser humano retire a mão sem pensar durante uma situação de perigo. Depois o estímulo caminha através do neurônio ascendente até o cérebro, onde é interpretado, e só então toma-se consciência do que poderia ter acontecido

O arco reflexo é uma defesa do organismo; existe para que se possa defender rapidamente, para que a lesão seja a menor possível. Não dá para pensar antes de agir, seria muito danoso.

O sistema nervoso (SN) usa as informações sensoriais para produzir respostas. O cérebro precisa continuamente de alimento sensorial para desenvolver-se e funcionar.

Segundo CRAMER (1993, p. 41), *o bebê é capaz de interações, de discriminações, de apegos e evitações seletivos; é dotado de capacidades perceptivas complexas e é muito sensível à prescrição das interações que presidem a suas trocas com a mãe*, ou seja, ele não é uma folha em branco, é uma pessoa capaz de sentir, movimentar-se e construir conceitos.

Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio, e portanto, a mãe é, inicialmente parte dele. Ocorre aí o processo de *simbiose*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ligação do bebê com a mãe

Para o presente trabalho foram consultados três estudiosos que contribuíram para o esclarecimento do tema *desenvolvimento humano*. São eles: Piaget, Vigotsky e Wallon.

### **1.1 Contribuições Piagetianas**

Jean Piaget nasceu na Suíça. Iniciou seus estudos a partir dos moluscos, fósseis e zoologia durante sua infância. Decidiu-se mais tarde pela biologia e, em seguida, pela filosofia. Estudou o desenvolvimento de seus três filhos desde o nascimento. Embora tenha escrito e defendido vários artigos e teses, a *Epistemologia Genética* é fator de unificação a respeito de suas contribuições.

PIAGET (1956), baseou seus estudos na área da cognição (percepção, memória, solução de problemas), que, segundo ele, evolui a partir da ação motora. Seu interesse centra-se em elaborar os fundamentos de uma epistemologia (saber, ciência, conhecimento) genética, baseada em dados científicos e de desenvolvimento fornecendo meios para a abstração, chegando assim ao conceito de estágios (estádios) do desenvolvimento psíquico.

O progresso de estágio para estágio (e dentro dos estágios) é determinado pelos fatores: hereditariedade (maturação), ambiente físico (externo ou interno), influência social e o “equilíbrio ativo e dinâmico, característico da vida” (PIAGET, 1956).

Os fatores influenciadores são:

- hereditariedade: influencia o desenvolvimento, mas é insuficiente que resulta das ações realizadas materialmente; se este é essencial ao desenvolvimento, também é insuficiente porque a lógica da criança não é resultante apenas dela. É necessária a coordenação interna entre as ações que a criança exerce sobre os objetos.
- transmissão social: diz respeito ao fator da educação que é fundamental, mas não suficiente. Para a transmissão ser possível entre o adulto e a criança ou entre o meio social e a criança a ser educada, é necessário que ela assimile o que o meio

Ihe quer transmitir. E essa assimilação é acionada pelas leis do desenvolvimento.

Os estudos de PIAGET, realizados entre 1955 e 1956 apontam:

- A. Um estágio é marcado por características dominantes, que são interdependentes e formam uma *totalidade*, um todo estrutural.
- B. Os estágios se instalam por rupturas no desenvolvimento da psique. Há uma aquisição *súbita* em seu início, esse ganho é consolidado e integrado a aquisições anteriores. Mais tarde, prepara-se uma nova aquisição. Conseqüentemente, a passagem de um estágio inferior para um superior é uma integração; daí a noção de que o crescimento psíquico é tanto contínuo como descontínuo.
- C. A época de uma aquisição de faculdades, habilidades e mecanismos psíquicos característicos de determinado estágio varia consideravelmente de população, e, dentro da população, de indivíduo para indivíduo; essa variação é determinada tanto por um conjunto de fatores externos e intrínsecos quanto pela experiência de vida anterior do indivíduo. Estas circunstâncias podem adiantar, retardar, ou impedir as aquisições.
- D. Entretanto, a ordem serial permanece *constante*; é a mesma para todas as populações; é universal.

Para Piaget, o fundamental não são as idades, mas as seqüências, embora exista um limite de variação determinado pelo processo de maturação neurobiológica.

Talvez o mais conhecido deste epistemólogo sejam as idéias sobre os estádios (estágios) de desenvolvimento da inteligência que, primeiramente, são divididos em três períodos, a saber:

1. Inteligência sensório-motora (0 – 24 meses);
2. Período da inteligência conceitual: operações concretas (2 – 10/11 anos);
3. Período da inteligência conceitual: operações formais (11/12 – 13 anos).

Piaget estuda a conduta, considerando-a mais do que a resposta ao ambiente e está impregnada de valores, de intencionalidade.

A criança vive no estágio sensório-motor: sente e apreende o mundo por meio da sua própria atividade motora, e na medida em que esta se expande e se torna organizada, o mesmo ocorre com sua impressão do mundo que a cerca.

Com base nos escritos de Piaget, o objeto permanente é construído aos poucos, durante seis estágios de desenvolvimento (0 – 18 meses). Para ele, estes estágios ou estádios estão distribuídos aproximadamente nas seguintes idades:

1º Estádio (0 a 1 mês) – exercícios reflexos: cada órgão funciona por si só.

2º Estádio (de 1 a 4 meses) – primeiros hábitos ou condicionamentos (reações circulares primárias ou relativas ao próprio): o organismo passa a agir como um todo.

3º Estádio (de 4 a 8/9 meses) – primeiras coordenações (visão-preensão) e primeiras reações circulares secundárias (relativas aos objetos manipulados), coordenação dos espaços (visual, auditivo, bucal, etc.): a criança começa a perceber-se como um “eu” e a fazer as primeiras atividades considerando a existência do espaço e do tempo.

4º Estádio (de 8/9 a 11/12 meses) – uso de meios para obter um fim (coordenação dos esquemas secundários), primeiros sinais da “permanência” do objeto: a criança aprendeu o processo inteligente: combinar, coordenar, compor, isto é, construir novos esquemas a partir de esquemas já dominados.

5º Estádio (de 11/12 a 18 meses) – descobrimento de novos meios (descoberta), permanência do objeto, uso de instrumentos para atingir um fim, um grupo prático dos deslocamentos: nasce o homem que constrói instrumentos para facilitar a obtenção de fins que tem objetivo.

6º Estádio: início da interiorização e solução de problemas por ‘insight’ (suspensão da ação: compreensão súbita): neste estágio começa a nascer o pensamento que vai acompanhar o ser humano na vida prática.

O fator de equilíbrio implica em equilibrar entre si esses três fatores do desenvolvimento, além de equilibrar a descoberta de uma noção nova, com outras já existentes, nas possibilidades de entendimento da criança ou adulto.

O processo interno de regulação e compreensão se dá através de mecanismos de assimilação e acomodação.

O processo de acomodação é uma atividade mental que serve para mudar um *esquema* inicial, de modo a torná-lo adaptado a uma nova situação. Isto ocorre em duas circunstâncias:

a) o esquema inicial não serve mais para seu propósito, devido a algum processo de maturação da criança;

b) a situação externa é tão nova que o esquema inicial não dá conta dela.

No processo de assimilação ocorre uma atividade mental da criança pela qual uma situação é *percebida* ou *manipulada* de tal modo que pode ser enfrentada por um esquema já existente.

*Acomodação e assimilação*, portanto, são veículos de aprendizagem e servem para o indivíduo dominar o ambiente que o cerca.

Piaget não ignora a importância dos aspectos afetivos do objeto permanente; reconhece que os mesmos contribuem, de maneira privilegiada a relação com a pessoa, embora este autor não tenha aprofundado estudos sobre este tema, como será posteriormente demonstrado.

## **1.2 Contribuições de Vygotsky**

Lev Semyonovitch Vygotsky, russo, graduou-se em Direito, dedicando-se posteriormente, à pesquisa literária. A partir de 1924, aprofundou sua investigação no campo da psicologia, enveredando para a Educação de Deficientes.

O contexto social vivido por Vygotsky e seus colaboradores, Luria e Leontiev, influenciou decisivamente, pois o momento fez com que o foco de suas preocupações se voltasse para o desenvolvimento do indivíduo e da espécie humana como resultado de um processo sócio-histórico.

Na criança pequena as regiões do cérebro responsáveis pelos processos mais elementares são os mais fundamentais para seu funcionamento psicológico.

Para Vygotsky, a cultura é parte essencial da constituição do ser humano, num processo em que o biológico transforma-se no sócio-histórico.

Enquanto Piaget tenta desvendar a estruturas e mecanismos universais do funcionamento psicológico do homem, Vygotsky aborda o homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e ser social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico.

Afirma ainda que o cérebro é um órgão material, constituindo-se em base biológica do funcionamento psicológico. Este não é um sistema de funções fixas e imutáveis, *mas um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual* (OLIVEIRA 1998, p.24). A idéia da flexibilidade leva à

conclusão de que cada membro traz uma estrutura básica consigo ao nascer.

Através da cultura, o homem transforma-se de ser biológico em ser sócio-histórico. A idéia de mediação é feita através de recortes do real operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. Por um lado, o conceito de mediação refere-se ao processo de representação mental em que a própria idéia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo e por outro, refere-se ao fato de que os sistemas simbólicos que se interpõem sobre o sujeito e objeto de conhecimento tem origem social.

VYGOTSKY, p.64: *Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).*

Ou seja, o processo de desenvolvimento do ser humano ocorre primeiramente através de realizações externas, que serão interpretadas pelas pessoas a seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos. Após ocorrer essa interpretação social é que o indivíduo passa a atribuir significados a suas próprias ações, compreendidas então pelo grupo cultural no qual o indivíduo está inserido.

O processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem no ser humano segundo Vygotsky, estão desvinculados na criança pequena, até os dois anos de idade.

Na fase caracterizada como pré-verbal a criança apresenta uma inteligência prática que permite a ação no ambiente sem a mediação da linguagem.

Por volta dos dois anos de idade, o percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem e inicia-se uma nova forma de funcionamento psicológico: a fala torna-se intelectual, e o pensamento torna-se verbal, mediado por significados dados pela linguagem através da interação com membros mais maduros da cultura, provocará o salto qualitativo para o pensamento verbal.

Em sua obra, VYGOTSKY (p. 101) enfatiza a importância dos processos de aprendizado. Para ele, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é *um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.*

### **1.3 Contribuições de Wallon**

Henri Wallon nasceu na França e, antes de chegar à psicologia passou pela filosofia e medicina, aproximando-se, no decorrer de sua carreira, da educação.

Ao atuar na guerra, em 1914, reviu posições neurológicas que havia desenvolvido um trabalho com as crianças deficientes. Fundou um laboratório destinado à pesquisa e ao atendimento de crianças ditas deficientes, iniciando assim um período de intensa produção literária voltada à psicologia da criança.

O indivíduo, ser biologicamente analisado, possui sentimentos e a inteligência. Segundo WALLON, este ocupa o lugar de meio, de instrumento colocado à disposição da ampliação da concepção do desenvolvimento da pessoa, construindo-se mutuamente, sujeito e objeto, afetividade e inteligência. No primeiro ano de vida, ocorre uma fase de construção do sujeito, onde o trabalho cognitivo está oculto e ainda indiferenciando as atividades afetivas.

Após a preparação das condições sensório-motoras ocorrerá, ao longo do segundo ano de vida, a exploração intensa e sistematizada do ambiente.

A gênese da inteligência para Wallon é genética e organicamente social, ou seja *“o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar”* (DANTAS, 1992).

Para WALLON, o desenvolvimento da criança aparece descontínuo, marcado por contradições ambientais, provocando alterações qualitativas no seu comportamento em geral.

Portanto, o processo não se dá de forma linear, por ampliação, mas por reformulação, em que os conflitos são propulsores, instalando-se no momento da passagem de etapa para outra, gerando as transformações.

Admite o organismo como condição primeira do pensamento, pois toda a função psíquica supõe um componente orgânico. No entanto, considera que não é condição suficiente, pois o objeto de ação mental vem do ambiente no qual o sujeito está inserido, ou seja, de fora. Considera que o homem é determinado fisiológica e socialmente, sujeito às disposições internas e às situações exteriores.

Uma das características básicas da Teoria do Desenvolvimento de Wallon, é de não ser possível separar o biológico do social no homem. Enquanto Piaget enfatiza a gênese da inteligência, Wallon a gênese da pessoa.

Para ele, as estruturas mentais não são dadas desde o início, elas precisam ser construídas.

Além dos teóricos do desenvolvimento acima citados, buscou-se em SPITZ a importância da afetividade na primeira infância.

#### **1.4 Spitz E As Relações Sociais**

Cada um de nós nasce, como um indivíduo distinto. Cada recém-nascido é dotado por um “equipamento congênito” (SPITZ, 2000), composto de três partes:

1) equipamento hereditário: formado por elementos óbvios, como as partes do corpo humano, outros menos evidentes, como as leis e seqüências da maturação;

2) influências intra-uterinas que atuam durante a gestação: doenças causadoras de má-formação, por exemplo;

3) influências que passam a operar durante o parto: anóxia cerebral durante o processo de nascimento, medicação administrada à mãe antes do parto, aquisição de infecções durante a primeira quinzena do nascimento.

O vínculo puramente biológico, a princípio, transforma-se, aos poucos, na primeira relação social do indivíduo.

Para o recém-nascido, o meio ambiente consiste, por assim dizer, em um único indivíduo, a mãe ou um substituto dela, passando assim pelo estágio da simbiose.

O bebê ainda não se percebe separadamente do objeto (mãe).

As relações entre mãe e filho, segundo SPITZ (2000), envolvem dois indivíduos completamente diferente do que satisfaz ao outro.

Quando o recém-nascido separa-se da mãe, ela passa por um processo de separação. De renúncia ao sentimento de que o bebê ainda se confundia com ela, ocorrendo de forma gradual. Qualquer conquista do bebê será sua própria realização e qualquer deficiência será seu fracasso.

Afetos, observáveis e diversificados, impõem a adaptação do ser ao meio.

Para a criança, a privação do afeto pode causar graves doenças, tanto psíquicas quanto mentalmente.

É através do afeto que se abre o caminho do desenvolvimento, das percepções e de todas as outras funções, determinando a relação entre percepção e cognição.

No sujeito vivo, e particularmente no homem, afetos, agora e sempre, servem para explicar comportamentos e acontecimentos psicológicos. E os afetos não podem ser medidos.

A partir do segundo mês de vida, surge o sorriso em resposta ao rosto humano, como primeira manifestação comportamental, ativa, dirigida e intencional. Este relacionado a sinais e movimentos do rosto.

Ao atingir a idade de seis meses, reservarão sua reação de sorriso para as mães, os amigos, ou seja, para seus objetos de amor, e não sorrirão para estranhos.

Embora exista um equipamento inato no bebê desde o primeiro minuto de vida, este necessita ser ativado através de trocas com outro ser humano, com um parceiro, com a mãe. Para SPITZ (2000): *Só uma relação recíproca, uma troca circular e contínua é capaz de fornecer o fator experiencial ao desenvolvimento do bebê.*

Quando o bebê sente uma necessidade, esta provocará nele um afeto que conduzirá a mudanças comportamentais que, por sua vez, provocam uma resposta afetiva e sua atitude concomitante da mãe; ela se comporta 'como se compreendesse' qual necessidade específica do bebê causa sua manifestação afetiva (SPITZ, 1962, 1963 A,B,C).

A aquisição da fala, com início no decorrer do primeiro ano de vida é mais um processo que contribui para o desenvolvimento do bebê. É uma das primeiras atividades em que o bebê vivencia seu poder. No início, a criança não faz discriminação entre os sons vindos do ambiente que a circunda e os produzidos por ela. Através da maturação, os vários setores dos órgãos perceptivos separam-se uns dos outros, no decorrer dos primeiros dois meses de vida, o bebê se torna consciente de que pode ouvir os sons que ele mesmo produz que estes são diferentes daqueles que vêm do ambiente que o cerca. Aos seis meses, ele utilizará a experiência ao imitar os sons que ouve da mãe, constituindo assim seu campo semântico.

A participação da mãe é vital durante o processo de aprendizagem, fornecendo ao bebê uma série de experiências renovadas, ricas e variadas,

interligadas pelo afeto materno. No decorrer de seus primeiros meses, a percepção afetiva e os afetos predominam na experiência do bebê, portanto, a atitude emocional da mãe e seus afetos, servirão para orientar os afetos do bebê e conferir-lhe qualidade de vida.

Há infinitas variações de mãe para mãe, e desta mãe para si mesma, sendo influenciada pela individualidade do bebê, num processo circular. A personalidade da mãe fará diferença no comportamento e desenvolvimento do filho. E o sorriso é apenas um exemplo que se pode citar dentre os vários comportamentais que governam as múltiplas relações que se desenvolvem entre o bebê e a mãe.

Os afetos maternos, o prazer e as próprias ações, conscientes ou inconscientes facilitam inúmeras e várias ações do filho e, igualmente, a existência e a presença do bebê evocam reações da mãe.

Durante os dois primeiros anos de vida, portanto, a criança desenvolve sua afetividade, principalmente com seus pais, estendendo-se aos poucos a outras pessoas da casa.

Como observado nos tópicos anteriores, todos os autores citados abordam a afetividade e a relação desta com o desenvolvimento.

Para Piaget, mesmo em seus estudos epistemológicos, reconhece que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, em seu trabalho *Lês relations entre l' intelligence et l' affectivité dans lê développement de l' enfant (1953-54)*.

A verdadeira essência da inteligência é a formação progressiva das estruturas operacionais e pré-operacionais, através das relações afetivas da criança.

Afirma ainda que durante os processos de acomodação e assimilação ocorre um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto, enquanto o cognitivo é a compreensão; na acomodação, a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo e o aspecto cognitivo, no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno.

No transcorrer de seu trabalho, Piaget incorpora um outro tema na relação entre a afetividade e a cognição, que são os valores. Ele os considera como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas, originando assim, do sistema de regulações energéticas que se

estabelece entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.

Na ação moral se confrontam afetividade e razão. A racionalidade comparece para permitir a satisfação do desejo; mas ela já está, por assim dizer, em segundo plano, está a serviço de um afeto (TAILLE 1992, p.64).

Para Piaget, a evolução da inteligência permite a organização do mundo afetivo embora não haja reciprocidade, ou seja, como afetividade torna o respeito mútuo possível de ser seguido na prática.

Já na teoria de Vygotsky, a afetividade ocupa papel relacionado ao funcionamento psicológico do ser humano, privilegiando a importância das conexões, profundas, entre as dimensões cognitiva e afetiva.

Algumas de suas palavras explicitam essa abordagem (VYGOTSKY, 1987, p.348):

Quando associado a uma tarefa que, de certo modo, tem suas raízes no centro da personalidade do indivíduo, o pensamento realista dá vida a experiências emocionais muito mais significativas do que a imaginação ou o devaneio. Consideremos, por exemplo, o pensamento realista do revolucionário ao contemplar ou estudar uma situação política complexa. Quando consideramos um ato de pensamento relativo à revolução de uma tarefa de importância vital para a personalidade, torna-se claro que as conexões entre o pensamento realista e as emoções são freqüentemente muito mais profundas, fortes, impulsionadoras e mais significativas do que as conexões entre as emoções e o devaneio.

Porém, para Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central em que a teoria psicogenética, tanto do ponto de vista da pessoa quanto do conhecimento. Ao longo do primeiro ano de vida, a afetividade reduz-se praticamente às suas manifestações puramente emotivas, ou seja, as trocas afetivas dependem inteiramente da presença concreta dos parceiros.

Para o epistemologista, a afetividade é componente permanente da ação e a longa fase emocional da infância tem sua correspondente na história da espécie; nas associações humanas mais primitivas, o contágio afetivo supre, pela criação de um vínculo poderoso para a ação comum, as insuficiências da técnica e dos instrumentos intelectuais.

No início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira, que depende, para evoluir, de conquistas no plano da segunda, e vice-versa.

Tudo o que foi afirmado a respeito da integração entre inteligência e afetividade pode ser transposto para aquela que se realiza entre o objeto e o sujeito (DANTAS 1992, p. 91).

Assim como Piaget e Vygotsky, Wallon mostra em seus escritos, compartilhar da idéia de que emoção e razão estão, intrinsecamente, conectadas (1986):

A comoção do medo ou da cólera diminui quando o sujeito se esforça para definir-lhe as causas. Um sofrimento físico, que procuramos traduzir em imagens, perde algo de sua agudez orgânica. O sofrimento moral, que conseguimos relatar a nós mesmos, cessa de ser lancinante e intolerável. Fazer um poema ou um romance de sua dor era, para Goethe, um meio de furtar-se a ela.

A criança tem sentimentos, muitas vezes contraditórios, que originam conflitos à volta daqueles a quem se direciona a sua atividade, mas que acabem por se organizar e se edificar.

Ao saber falar, pensar e exteriorizar a complexidade da sua vida afetiva através das suas brincadeiras, o indivíduo consegue integrar-se à sociedade.

O desenvolvimento do ser humano é complexo; logo, seu crescimento e mudança atingem diferentes aspectos da personalidade. O aspecto sócio-emocional influencia em seu desenvolvimento global, e a privação de afeto pode ter conseqüências negativas, tanto nos planos emocional quanto motor.

Winnicott foi o primeiro a introduzir na pediatria o estudo do desenvolvimento da criança e da teoria psicanalítica.

Para ele, as crianças necessitam de um meio ambiente em que estas possam resolver seus conflitos de amor e ódio. Considera ainda que as primeiras semanas são vitais para que os processos de amadurecimento se tornem em experiências para o bebê.

WINNICOTT (2002) define integração como

Todas as partículas e fragmentos de atividade e sensação que vão constituir aquilo que passamos a conhecer como este bebê específico começam a congrega-se em determinados períodos, de tal forma que há momentos de integração em que o bebê é uma unidade, embora, naturalmente, uma unidade muitíssimo dependente.

Ou seja, o ambiente – que deve ser humano e pessoal – interferirá na afirmação de individualidade do bebê. Do ponto de vista do bebê, a mãe faz parte dele.

O mesmo autor orienta que *O oposto de integração é uma deficiência de integração, ou uma desintegração, a partir de um estado de integração.*

O bebê irá formar, de modo satisfatório a mente, em conjunto com o corpo e seu funcionamento. Havendo um colapso com estes cuidados iniciais, haverá comprometimento na estruturação da personalidade.

Winnicott descreve três estágios da relação do bebê com o mundo:

- Primeiro estágio: o bebê está fechado em si mesmo, uma criatura viva, que, no entanto, se encontra cercada pelo espaço. O bebê não tem conhecimento de nada, exceto de si mesmo.

- Segundo estágio: o bebê mexe um cotovelo, um joelho, ou estica-se um pouco. O espaço foi transposto, o bebê surpreendeu o meio ambiente.

- Terceiro estágio: você, que está segurando o bebê, tem um sobressalto, pois alguém acaba de tocar a campainha ou a água da chaleira ferve, e mais uma vez o espaço foi transposto. Desta vez, o meio ambiente surpreendeu o bebê.

Aqui, o autor coloca o mundo como sendo representado pelos braços e pelo corpo que respira, na mãe. Assim, ao acontecer o aconchego, todos estes estágios se completam, apresentando correspondência aproximada às três funções da mãe: segurar, manipular e apresentar o objeto.

Levando-se em conta que os cuidados com a criança giram em torno do termo “segurar”, inclui a função do grupo familiar, além de caracterizar também as profissões que contemplam a prestação de cuidados.

O ato físico de segurar de forma adequada a estrutura física do bebê resulta em facilitação dos processos de maturação bem como da base da personalidade. Caso este segurar não apresente qualidade, há quebras de adaptação, fragmentando a linha contínua que é a criança.

A amamentação fundamenta as bases do relacionamento humano, estabelecendo-se assim, a relação objetai.

Winnicott, ano p. 56, *a totalidade do relacionamento deste novo indivíduo com o mundo real tem que se basear na forma como as coisas se iniciam e no padrão*

*que se desenvolve gradualmente, de acordo com a experiência que faz parte deste relacionamento humano entre o bebê e a mãe.*

Ao reconhecer que o bebê é humano desde que nasceu, a mãe e o pai crescem com cada filho de forma muito mais sutil.

Os estudiosos priorizam a díade\* mãe-filho, mas com a evolução da sociedade e suas reações, surge a necessidade de discussão a respeito da importância do papel do pai na família, na vida da criança e na sociedade.

A integração paterna com o ambiente, uma vez que ele, depois da mãe, é a próxima pessoa a ser reconhecida pelo bebê. Além disso, o pai é quem encoraja a mãe a liberar o filho para o mundo.

Outros pesquisadores também se expressam sobre a afetividade e as relações familiares.

Para MOFFAT, *se a função materna constitui o tema do amor, a função paterna constitui o tema do trabalho. Esta é a relação eu-mundo, aquela é a relação eu-você.*

Porém, Jacques Lacan foi quem sublinhou o papel dos pais como ordenador de vínculos (MOFFAT, 1983, p. 50).

Nos anos 60 a sociedade era patriarcal e, os sentimentos masculinos eram negados, pois valorizava-se o trabalho, a honra e a moral. O pai era o chefe da família e seu papel disciplinar e punitivo com os filhos, portanto, tornando-se um pai ausente.

A partir dos anos 70, com os movimentos feministas, o homem passa a se questionar e a rever todos os seus valores, conceitos e pré-conceitos. Surge, então, o 'pai cuidador' junto com a mãe, fortalecendo os vínculos familiares.

Ao dividir tarefas com a mãe como: dar mamadeira, trocar fraldas, banhar o bebê, entre outras ações, aumenta a confiança de todos e os laços afetivos, são fortalecidos.

O pai representa para a criança uma figura de autoridade, não de autoritarismo.

Enfim, o novo pai se permite criar vínculos fortes com seus filhos, vivenciar e experimentar a vida da criança e dividir com a mãe não só as tarefas, mas o afeto da criança.

## CAPÍTULO II

### O BEBÊ PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS, SUA ESTIMULAÇÃO, A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO ACONSELHAMENTO AOS PAIS

Ao desejar um filho, os pais criam expectativas em relação ao sexo, à cor dos olhos, se será parecido com o pai ou com a mãe, enfim, a emoção de ter um bebê contagia a todos. O filho 'normal' corresponde ao idealizado, sonhado, projetado e introjetado. Por experiência ou por comparação, os pais sabem ou pensam que sabem como será a vida com este filho.

A criança especial representa o inesperado, indesejado, desconhecido. Desde o momento da notícia ou da descoberta, os pais serão confrontados a todo instante com os sentimentos de surpresa, rejeição e ainda com o da incompetência (imaginada) para cuidar desta criança. A grande maioria das pessoas se imagina despreparada para cuidar de um filho especial.

Pessoas portadoras de deficiência são aquelas que apresentam algum tipo ou mais de limitações funcionais, caracterizadas como: permanentes, temporárias, totais, parciais, congênitas ou adquiridas, por diversas causas, encontrando-se subdivididas em:

a) Deficiência auditiva: *é a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido;*

b) Deficiência física: *é uma variedade de condições não sensoriais que afetam o indivíduo em termos de mobilidade, de coordenação motora geral ou da fala, como decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas, ou ainda, de má – formações congênitas ou adquiridas;*

c) Deficiência mental: *esse tipo de deficiência caracteriza-se por registrar um funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade;*

d) Deficiência múltipla: *é a associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (mental/visual/auditiva/física), com comprometimentos*

*que acarretam no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa;*

e) Deficiência visual: *é a redução ou perda da capacidade de ver com o melhor olho e após a melhor correção ótica;*

f) Altas Habilidades: *notável desempenho e elevado potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criativo ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para as artes; capacidade psicomotora;*

g) Condutas típicas: *manifestações de comportamento típicas de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado;*

h) Crianças de alto risco: *são aquelas que têm o desenvolvimento ameaçado por condições de vulnerabilidade, decorrentes de fatores de natureza somática, como determinadas doenças adquiridas durante a gestação, alimentação inadequada tanto da gestante quanto da criança, ou nascimento prematuro.*

Muitas são as causas que levam à deficiência, podendo ocorrer no período da concepção e gestação (pré-natais), no período expulsivo (parto) e primeiras semanas de vida (perinatais) ou no período da infância e adolescência (pós-natais).

Causas mais frequentes nos diferentes períodos:

a) Pré-natais

- Fatores sociais: são muito comuns nos países subdesenvolvidos, em que são precárias as condições socioeconômicas e culturais e de infra-estrutura básica de saúde.

- Fatores genéticos: podem ser 'acidentais' (na formação dos gametas ou nas primeiras divisões do ovo) ou hereditários.

- Fatores congênitos: malformações crânio-encefálicas que podem ser decorrentes de infecções da gestante a radiações e poluição ambiental.

b) Perinatais

- Fatores sociais: má assistência ao parto e ao recém-nascido, ocasionando os traumatismos obstétricos, hemorragias intracerebrais no recém-nato, hipóxia ou anóxia.

- Prematuridade e bebês pós-maturos ou muito grandes: são bebês de alto risco perinatal, carecendo de atenção e cuidados especiais, sob pena de não

sobreviverem, ou de sobreviverem com lesões irreversíveis.

c) Pós-natais

- Fatores sócio-ambientais: carência nutricional grave durante o primeiro ano de vida, associada a carências psicoafetivas e de estímulos ambientais podem levar à deficiência mental. Falta de acompanhamento pediátrico adequado, e da vacinação preconizada, também são fatores sociais graves, presentes nos países subdesenvolvidos e que podem levar à lesão do sistema nervoso central e as conseqüentes incapacidades.

- Fatores infecciosos: meningoencefalites, meningites e complicações associadas ao sarampo, septcemia e outras.

- Intoxicação exógena: ingestão acidental de venenos, medicamentos (depressores do sistema nervoso central) xaropes e outras substâncias tóxicas. Tais acidentes são muito comuns em crianças pequenas, que têm a boca como região de aquisição de conhecimentos (fase oral).

- Traumatismos crânio-encefálicos: decorrentes de quedas, acidentes de trânsito (atropelamento e colisão de veículos), e espancamento (síndrome de maus tratos).

- Hipóxia prolongada: situação presente durante crises convulsivas prolongadas e/ou muito freqüentes (síndrome de west) e de difícil controle medicamentoso, e em acidentes como choque elétrico (parada cardiorespiratória), afogamento e asfixia (engasgo com alimentos, brinquedos pequenos, moedas, grãos, saco plástico e outros).

A identificação precoce é condição imprescindível da intervenção, não só porque evita problemas futuros, como tende a eliminar condições que agravam o desenvolvimento.

A identificação nos primeiros tempos da maturação pode permitir a prescrição de programas de estimulação, de reabilitação, de desenvolvimento e de reforço, que devida e sistematicamente orientados poderão salvaguardar a integridade do potencial de aprendizagem.

Esta permite ainda o conhecimento, o controle e a facilitação de fatores de desenvolvimento, quer motores, quer lingüísticos, perceptivos, cognitivos e sócio-emocionais, tirando proveito da fase de aceleração da mielinização<sup>2</sup> que ocorre nos

---

<sup>2</sup>Ato ou efeito de fornecer ou acumular mielina durante a recuperação dos nervos

primeiros momentos do desenvolvimento humano, segundo uma hierarquia de operadores neuronais e conexões intra e intersensoriais.

Os estudos de desenvolvimento humano são unânimes em considerar certos períodos ótimos de maturação, preferencialmente situado nos primeiros anos de vida. As privações e as restrições nos primeiros momentos podem estar associadas a déficits evolutivos irreversíveis e a distorções funcionais e estruturais.

Sabe-se, através de pesquisas científicas, que os neurônios não morrem, mas acontece um processo através do qual o sistema nervoso tenta manter as suas funções com os neurônios que sobraram, após uma lesão. Tem-se então, a plasticidade neural ou neuronal, ocorrendo melhora da comunicação entre as células nervosas, ou seja, das sinapses, formando-se através da formação de novos dendritos, axônios e circuitos neuronais.

Segundo ANNUNCIATO (*in* MIRANDA p.54,): a estimulação da criança de zero a dois anos envolve fenômenos ligados ao processo da plasticidade neuronal, quando há alguma lesão.

### **2.1 A Estimulação da Criança de Zero a Dois Anos - Fenômenos Envolvidos no Processo da Plasticidade**

Após uma lesão, normalmente as sinapses que estão próximas à área lesada ficam inativas, pois estão comprimidas pelo edema (inchaço). Em uma ou duas semanas esse edema diminui e há uma recuperação das funções desse circuito.

Os neurônios que não foram lesados aumentam o número de sinapses que fazem ou as tornam *mais fortes* (quando forem mais potentes) ou *fracas* (quando forem menos potentes) ao se referir a esses aspectos.

Muitas áreas do sistema nervoso possuem sinapses que permanecem inativas sob condições normais. Essas sinapses podem, porém, tornar-se ativas frente a uma lesão. Isto mostra que o sistema nervoso possui mecanismos capazes de *fazer funcionar* sinapses preexistentes e que não eram utilizadas, formando novos circuitos (chamado de mecanismo de ativação de sinapses silentes).

As observações logo após o nascimento, na primeira semana, no primeiro mês e no primeiro ano são de importância vital para a detecção de sinais de risco.

## 2.2 Os Pais, as Relações Familiares e o Aconselhamento

Os pais devem estar envolvidos na intervenção com os seus filhos 'especiais', juntamente com educadores, equipe técnica e médicos que fazem o seu acompanhamento. Devem ser os primeiros a criar estimulações e outras condições de aprendizagem básica.

Nenhuma família espera uma criança portadora de necessidades especiais e por isso é necessário que haja todo um apoio psicoterapêutico. O choque e a surpresa humilhante e culpabilizadora podem implicar um conjunto de atitudes afetivas que em nada favorecem o desenvolvimento da criança. A revolta pessoal, as lamentações prolongadas, as autopunições divinas e os prantos frustracionais podem ser reduzidos e transformados em atitudes positivas e abertas, proporcionando à criança um envolvimento afetivo e emocional ajustado.

A ação dos pais é importante e significativa desde os primeiros momentos de vida. A depressão, o isolamento, a culpa e a autocrítica desesperada tornam mais difíceis e inibem as atitudes de abertura e aceitação de que necessita a criança portadora de necessidades especiais. O protecionismo deve dar lugar às funções de independência, pois a desorganização da rotina familiar age de forma negativa para o desenvolvimento do bebê.

Terão de estar preparado para os problemas de higiene, de disciplina, de isolamento, de insegurança, de estimulação, de aprendizagem, etc.

Segundo MANOLSON (*in* MOREIRA, p. 11, 2001) existem, basicamente seis "tipos" de pais, ou seja, seis papéis vividos pelos pais em geral, e em particular pelos pais de crianças especiais.

*Pais superprotetores:* normalmente há, espontaneamente, uma interação mãe ↔ criança. Com a criança deficiente, devido ao fato de a criança apresentar dificuldade em responder de alguma maneira à sua mãe, muitas vezes ocorrendo apenas uma via de comunicação, que é mãe → criança. Com a criança deficiente, devido ao fato desta apresentar dificuldade em responder de alguma maneira à sua mãe, muitas vezes ocorrendo apenas uma via de comunicação, que é mãe – criança, evitando, muitas vezes que a oportunidade de mostrar a todos quais as suas verdadeiras vontades e necessidades.

*Pais sobrecarregados:* os pais sobrecarregados nunca têm tempo para o filho, passando a função de criá-lo para outros, normalmente os avós ou uma babá. O fato de que os pais tenham vários 'compromissos a cumprir', não significa ausência de tempo. O que importa é a qualidade e não

quantidade. Por mais que seja preparada, a pessoa que se torna responsável, não oferece o mesmo nível de afeto e educação para a criança.

*Pais cansados:* diferencia-se do anterior por delegar funções que seriam suas para priorizar seu descanso e seus passatempos, não apresentando disposição e nem vontade de tomar para si as responsabilidades de um filho com características especiais.

*Pais liberais:* são aqueles pais incapazes de impor limites ao seu filho, pois é difícil "dizer não", acreditando que seu filho já passa por privações demais por ser deficiente.

*Pais professores:* este tipo de pai impõe o que ele quer que a criança faça, como se, durante uma brincadeira, ele fosse realmente o professor (à moda antiga), ditando as regras para que a criança as obedeça e aprenda a brincar para se divertirem, preocupa-se o tempo todo em passar conteúdos pedagógicos para seu filho.

*Pais ideais:* são aqueles que, se necessário, separam um tempo especial do dia para estar com seu filho e têm disposição para brincar com ele. Propõem a atividade à criança e esperam alguma manifestação ideal que indique se concorda ou não em brincar daquilo. Caso a resposta seja afirmativa, explicam então o que vai acontecer. Brincam, dão tempo para a criança participar da maneira que consiga. Dão informações compatíveis com a brincadeira, sem excessos e de maneira organizada e percebem as reações delas, ajudando-as quando necessário. Esse tipo de pai com certeza presenciará e perceberá cada evolução de seu filho, quando elas acontecerem.

Um mesmo pai pode viver ora um papel, ora outro, predominando um deles. Também os pais não devem sentir-se culpados por não viver o tempo todo o papel de pais ideal, afinal, não há perfeição.

### **2.3 A Educação Infantil como Direito Da Criança**

A expansão da educação infantil no Brasil e no mundo, crescente nas últimas décadas, vem acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), unindo os povos do mundo todo, no reconhecimento de que, em seu artigo 1º, *todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e consciência, devem agir uns com os outros em espírito de fraternidade.*

A Declaração conjuga o valor de liberdade ao valor de igualdade, já que assume que não há liberdades sem igualdades, nem tampouco igualdade sem liberdade.

Em 20 de novembro de 1959, a Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou a Declaração dos Direitos da Criança, que, segundo o consenso da comunidade internacional, faz jus toda e qualquer criança.

Esta Declaração está condensada em 10 (dez) princípios cuidadosamente elaborados e redigidos, afirmando os direitos da criança à proteção especial e a que lhe sejam propiciadas oportunidades e facilidades capazes de permitir o seu desenvolvimento de modo sadio e normal e em condições de liberdade e dignidade; o seu direito a um nome e a uma nacionalidade, a partir do nascimento; a gozar os benefícios da previdência social, inclusive alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequadas; no caso de crianças portadoras de deficiência ou incapacitadas, o direito a receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos por sua condição peculiar; a criar-se num ambiente de afeto e segurança e, sempre que possível, sob os cuidados e a responsabilidade dos pais; a receber educação; a figurar entre os primeiros a receber proteção e socorro, em caso de calamidade pública; a proteção contra todas as formas de negligência, crueldade e exploração; e a proteção contra todos os atos que possam dar lugar a qualquer forma de discriminação.

Finalmente, a Declaração frisa em seu artigo 10º que a criança deve criar-se *num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal.*

A sociedade civil e de órgãos governamentais iniciaram um movimento para que as crianças de zero a seis anos fossem atendidas e esse atendimento, reconhecido na Constituição Federal de 1988.

Ao longo da história do Brasil e no mundo, há concepções diferenciadas sobre a finalidade do atendimento institucional à criança pequena, pois grande parte dessas instituições surgiu com o objetivo de atender exclusivamente às crianças de baixa renda, tendo apenas um caráter assistencialista. Numa recente fase, o atendimento à criança menor de seis anos passou a ser direito da mãe trabalhadora.

Nos tempos atuais, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que mostra demandas por uma educação

institucional para crianças de zero a seis anos.

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação infantil em creches e pré-escolas, passou a ser um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, destaca também a importância deste atendimento para a criança.

Reafirmando essas mudanças, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394, promulgada em dezembro de 1996, faz diversas referências específicas à Educação infantil.

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica (título V, capítulo II, seção II, art. 29) tendo como finalidades o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade.

A democratização do ensino traz consigo o conceito de educação como direito social, passando do modelo médico do cuidar, do clínico e terapêutico para a abordagem social e cultural que valoriza a diversidade como forma de aprendizagem, de fortalecimento e modificação do ambiente inadequado e a falta de condições materiais são também fatores produtores de limitação e determinantes do fracasso escolar.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil constitui-se em um conjunto de referências e orientações didáticas, trazendo como eixo do trabalho pedagógico (p. 13) *o brincar como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil e a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma.*

Assim, a prática educativa na Educação Infantil, conforme o Referencial (BRASIL, 1998), tem os seguintes objetivos:

- desenvolver uma linguagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;

- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustada às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitude de interesse, respeito e participação frente a elas valorizando a diversidade.

Nas últimas décadas, porém, discussões em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, devendo estar associadas a padrões de qualidade. Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais privilegiando a construção de uma identidade autônoma, através de aprendizagens diversificadas.

Portanto, engajar-se e comprometer-se com uma educação transformadora voltada para a formação integral do sujeito é o compromisso com a cidadania e com uma educação com valor nos parâmetros da UNESCO e seus 04 (quatro) pilares para a educação no século XXI.

**APRENDER A CONHECER:** Pressupõe saber selecionar, acessar e integrar os elementos de uma cultura geral, suficientemente extensa e básica, com o trabalho em profundidade de alguns assuntos, com espírito investigativo e visão crítica. Em resumo, significa ser capaz de aprender ao longo de toda a vida.

**APRENDER A FAZER:** Pressupõe desenvolver a competência do saber se relacionar em grupo, saber resolver problemas e adquirir uma qualificação profissional.

**APRENDER A SER:** Para melhor desenvolver sua personalidade e poder

agir com autonomia, expressando opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais.

**APRENDER A CONVIVER:** Consiste em desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, na realização de projetos comuns, preparando-se para gerir conflitos, fortalecendo sua identidade e respeitando a dos outros, respeitando valores de pluralismo, de compreensão mútua e de busca da paz.

Esses 04 (quatro) pilares devem estar presentes na política de melhoria da qualidade de educação, pois eles abrangem o ser em sua totalidade, do cognitivo ao ético, do estético ao técnico, do imediato ao transcendente, seja para alunos com necessidades educacionais especiais ou não, importando o processo de aprendizagem dos alunos na faixa etária de zero a seis anos.

#### ***2.4 A Educação Especial Desde a Primeira Infância***

Hoje, reconhece-se que a deficiência é um fenômeno humano individual e social, determinada em partes pelas representações socioculturais de cada comunidade, em diferentes gerações, e pelo nível de desenvolvimento científico, político, ético e econômico da sociedade em que o indivíduo está inserido.

A discriminação, a rejeição e preconceito, porém permeiam a face histórica da evolução de conceitos das crianças portadoras de necessidades especiais.

Desde a literatura da Roma Antiga já há relatos que as crianças com deficiência, nascidos até o princípio da era cristã, eram afogadas por serem consideradas anormais e débeis. Na Grécia Antiga, estas tinham como definição serem mal constituídas ou deficientes, sendo então sacrificadas ou escondidas pelo poder público.

Na Idade Média, os deficientes mentais, os loucos e criminosos eram considerados, muitas vezes, possuídos pelo demônio, por isso eram excluídos da sociedade. Aos cegos e surdos eram atribuídos dons e poderes sobrenaturais. Somente com Santo Tomás de Aquino a deficiência passa a ser considerada como um fenômeno natural da espécie humana.

No Renascimento, com o surgimento das ciências, buscaram-se explicações

para as causas das deficiências, sendo consideradas, do ponto de vista médico, como doenças de caráter hereditário, males físicos e mentais.

Historicamente a educação de pessoas com deficiência nasceu de forma solitária, através de ações de cunho social, religioso e caritativo de proteção e cuidados em hospitais, prisões e abrigos.

Mais tarde, nos Estados Unidos e Canadá, surgiram os primeiros programas para prover atenção e cuidados básicos de saúde, alimentação, moradia e educação.

As primeiras iniciativas para a educação de pessoas com deficiência mental foram do médico francês Jean Marc Itard, no século XIX, que sistematizou um método de ensino inspirado na experiência do menino selvagem de Ayeron (sul da França), que consistia na repetição de experiências positivas. Enquanto instituição pública com fins educacionais para crianças com deficiência mental foi residencial, fundada pelo médico francês Eduard Seguin, que criou um método educacional originado da neurofisiologia utilizando-se de recursos didáticos com cores e música.

No Brasil, a primeira escola especial foi criada em 1854, o Imperial Instituto de Meninos Cegos, no Rio de Janeiro e, em 1857, o Instituto Imperial de Educação de Surdos, também no Rio de Janeiro, seguindo o modelo de escola residencial europeu, espalhando-se em seguida, por todo o país.

A médica italiana Maria Montessori, criou, no início do século XX, o método Montessori, inspirado na rotina diária e na ação funcional, fundamentado na estimulação sensorio-motora e auto-aprendizagem. Este método foi mundialmente difundido e até hoje é utilizado, inclusive no Brasil, na educação pré-escolar de crianças sem qualquer deficiência.

Já em meados do século XX surgem as associações de pais de pessoas com deficiência física e mental na Europa e Estados Unidos. NO Brasil, são criados a Pestalozzi e as APAEs, destinadas à implantação de programas de reabilitação e educação especial. A idade contemporânea é marcada pelo paradigma da cientificidade, do psicologismo, da valorização dos testes quantitativos, do treinamento sensorial e motor.

Segundo a Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Capítulo V – da Educação Especial: *Entende por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na*

*rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais e no § 3º: A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.*

Ainda em seu artigo 58 – *todas as crianças devem aprender juntas independentes de suas dificuldades e diferenças.*

Segundo TISI (2004, p.35), define como estimulação:

Toda ação dirigida para o atendimento dos sinais emitidos por uma criança; portanto deve ser desenvolvida no tempo ideal e criando condições facilitadoras para o seu desenvolvimento.

As crianças são naturalmente estimuladas por sua mãe e familiares, interagindo aos poucos com o ambiente que a cerca. Em relação à criança com atraso com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, o processo torna-se muitas vezes mais complexo, necessitando do auxílio de profissionais especializados, jamais deixando de lado a estimulação proporcionada o mais cedo possível, está ligada ao fato de que, nos dois primeiros anos de vida é que ocorre o maior desenvolvimento do cérebro.

Para tratar deste tema, OLIVEIRA (*in* TISI 2004, p.36), da Fundação Catarinense, uma nova proposta, a de *intervenção precoce*:

*Intervenção Precoce é conjunto de procedimentos de natureza médico-psicossocial, que visa à prevenção, em todos os níveis, de desvios no desenvolvimento infantil.*

Para este autor, o que diferencia intervenção de estimulação é:

*Estimulação Precoce é o conjunto de técnicas de caráter sócio-educativo que visa proporcionar a aquisição ou o desenvolvimento da aprendizagem nos primeiros anos de vida.*

Diante do exposto, podemos considerar o termo *precoce* inadequado porque, na realidade, a estimulação está sendo dada no tempo certo e não antes.

## **2.5 A Escola Que Buscamos: A Proposta APAE Educadora**

Para colaborar com pais e professores, a Federação Nacional da APAEs elaborou a Proposta APAE Educadora: a Escola que Buscamos, com o objetivo de subsidiar a prática pedagógica da Educação Especial, garantindo o real papel da

educação, enquanto processo educativo do aluno e apontando para o novo *fazer pedagógico*.

O desenvolvimento do Movimento Apaeano fez com que sua concepção filosófica voltada à defesa de direitos, ao envolvimento das famílias e dos próprios portadores de deficiências, bem como à prestação de serviços fosse evoluindo no decorrer dos anos. A proposta respeita a história de cada entidade, do seu contexto geográfico, das concepções de cidadania e de direitos, visando a consideração de que *a pessoa portadora de deficiência como pessoa humana, portadora de direitos de cidadania, dotada de sentimentos, emoções e elaboração mental* (FENAPES/Projeto Águia, 1998, p.15).

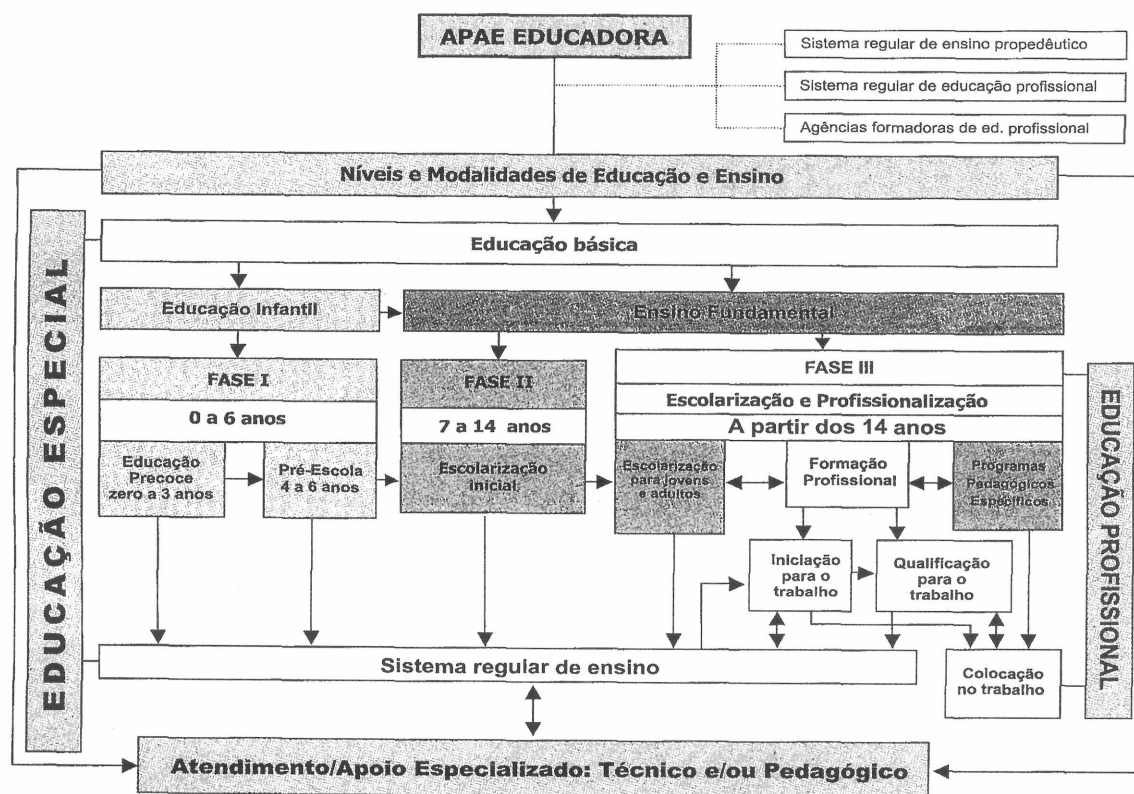
A proposta da APAE Educadora destina-se ao atendimento educacional de crianças, jovens e adultos portadoras de deficiência mental e outra(s) deficiências associada(s) com o envolvimento de suas famílias, em uma perspectiva que contemple a escolarização e os princípios da inclusão social em sua plenitude.

De acordo com as características e peculiaridades de seus educando, as escolas da APAE podem atuar em uma ou mais das seguintes fases, segundo a FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES (2001, p. 37):

- Fase I – Educação Infantil – viabilizada por meio dos programas de educação precoce e educação pré-escolar, de modo a atender crianças na faixa etária de zero a seis anos, bem como oferecer apoio e suporte às famílias;
  
- Fase II – Escolarização Inicial – destinada a educandos na faixa etária de sete a catorze anos; correspondente ao 1º Ciclo do Ensino Fundamental.
  
- Fase III – Escolarização e Profissionalização – desenvolve programas de alfabetização e pós-alfabetização correspondentes ao 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental na modalidade de Jovens e Adultos. Essa fase contempla, ainda, Programas Pedagógicos Específicos por meio de currículos personalizados e de Formação Profissional que objetivam à iniciação e a qualificação para o trabalho, possibilitando o encaminhamento do aluno para o mercado de trabalho.

Segue abaixo o diagrama que ilustra a estrutura organizacional da APAE Educadora (fig. 3 - Coleção Educação e Ação, vol. 01, p.35):

FIG. 03 – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA APAE EDUCADORA.



Para tanto, a Educação Infantil ou Fase I é dividida em Programa de Educação Precoce destinado a crianças de zero a três anos e a Pré-escolar, destinado a crianças de três a seis anos.

O programa de Educação Precoce tem por finalidade promover o desenvolvimento integral da criança de modo a ampliar suas perspectivas educacionais, sociais e a melhoria de vida pessoal, familiar e coletiva. O programa é realizado em parceria com a família e é operacionalizado por professores especializados, que contam com o apoio de uma equipe multidisciplinar composta por médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e terapeutas.

Portanto, o programa de Educação Precoce contempla o conjunto dos dois termos – estimulação e intervenção.

Quanto mais cedo houver a estimulação, a defasagem será bem menor e as distâncias entre as idades: cronológica – idade que a criança realmente tem, e mental – idade de desenvolvimento mental da criança.

A estimulação da criança portadora de necessidades especiais deve ser cuidadosamente planejada e elaborada de maneira a entender os aspectos

específicos de cada criança, suas habilidades, seu potencial e também as condições do meio ambiente em que vive.

Todo currículo de estimulação deve levar em consideração não somente a maturação biológica, mas também treino e estimulação recebida. Os efeitos são mais positivos se apresentados de forma gradual e regular, em complexidade crescente, partindo do conhecido para o desconhecido, do próximo ao distante e do concreto ao abstrato.

## **2.6 Áreas a Serem Desenvolvidas**

Os programas de educação precoce devem integrar o cuidar e valorizar a educação como forma de desenvolvimento psicoafetivo, autonomia pessoal, moral, intelectual e de aquisições de competências. Dessa forma, o currículo na educação infantil deve abranger tanto a formação pessoal e social (identidade, autonomia, brincar, movimento, conhecimento de si e do outro) como o conhecimento do mundo pela experiência e diferentes formas de linguagem e expressão (linguagem oral, corporal, literatura infantil, música, artes), contemplados na Coleção Parâmetros Curriculares Nacionais.

As áreas consideradas de maior relevância para a organização dos currículos são as sensório-perceptiva, motora, cognitiva, de comunicação, além daqueles que se referem à aquisição de hábitos de rotina e de informações básicas, como a que se relaciona com o desenvolvimento dos pais.

Para que ocorra a estimulação adequada é necessário que o ambiente de aprendizagem seja propício e adaptado, assegurando que os brinquedos e materiais selecionados sejam atrativos e de fácil manipulação de acordo com os objetivos preestabelecidos para o trabalho a ser desenvolvido.

Como o cérebro funciona como um todo, é importante que se estimulem todas as áreas:

- Área Motora: envolve tanto os grandes movimentos corporais como as mais

finas coordenações motoras. Deve-se desenvolver a motricidade geral do corpo através de sensações táteis, cinestésicas, afetivas e proprioceptivas.

- **Área Cognitiva:** envolve a coordenação olhos-mãos para alcançar e lidar com coisas e solucionar problemas. Deve-se desenvolver o raciocínio e o conhecimento através de atividades criativas que proporcionem imaginações e fantasias.
- **Área da Linguagem:** envolve a reação da criança, a expressão facial e corporal, gestos, balbucios e fala. Devem-se promover atividades que levem à compreensão e expressão da linguagem.
- **Área Pessoal e Social:** envolve a forma de como a criança responde a outras pessoas e ao meio em que vive. Aqui devem ser desenvolvidas as Atividades de Vida Diária, visando a uma melhor integração social.

## **2.7 O Papel do Aconselhamento aos Pais**

Nas últimas décadas, a literatura especializada em questões relativas a crianças e jovens com deficiência tem revelado a importância e o papel da família na intervenção educacional, clínica e profissional desses educandos, sendo a própria família alvo da intervenção.

A Proposta Orientadora das Ações Educacionais (p.49, 2001) privilegia o envolvimento cada vez maior e mais participativo do núcleo familiar na integralidade da ação educativa, em relação:

- à constituição do projeto pedagógico da escola;
- à avaliação do educando;
- à construção do currículo escolar;
- ao atendimento ao aluno e seu encaminhamento a outros programas de intervenção;
- às decisões relacionadas à progressão ou retenção do aluno na série, ciclo, etapa, etc.

A presença dos pais é necessária tanto para a criança que se liga a eles, como os pais que participam da evolução do filho, criando melhores condições de aceitação do problema e ampliando a interação com ele.

Para a comprovação de que a afetividade interfere positivamente no desenvolvimento global da criança portadora de necessidades especiais, no próximo capítulo encontram-se os resultados da pesquisa de campo, realizada na Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço” – APAE de Paranaguá.

## **CAPÍTULO III**

### **CARACTERIZAÇÃO DA ENTIDADE**

A Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço” – APAE de Paranaguá – tem como premissa “Trata-me como pessoa e educa-me para a vida”. Todos os programas se concentram no exercício em ver habilidades e habilita a pessoa portadora de necessidades especiais, que a faça mais feliz, produtiva e independente, podendo conquistar uma participação mais efetiva e o respeito de todos, preparando-o para o exercício consciente da cidadania, num contexto: familiar, educacional, profissional e social.

A Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço” foi fundada no dia 18/01/1988. É mantida pela APAE de Paranaguá, pertencendo ao maior movimento filantrópico do mundo e do Brasil, sob a responsabilidade da Federação Nacional das APAES.

No Estado do Paraná pertence a uma Federação e Delegacias que atuam como articuladoras, visando garantir a unidade filosófico - educacional do movimento apaeano.

Esta escola vincula-se atualmente à Delegacia de Guaratuba, mantendo freqüentes contatos com os órgãos dos Sistemas Estadual, Municipal e Rede Privada de Ensino.

Tem 192 alunos que se subdividem em dois períodos: matutino (07:30 às 11:30 h) e vespertino (13:30 às 17:30 h) abrangendo a Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental) e Educação Profissional.

A Fundação da APAE de Paranaguá surgiu diante das dificuldades de duas famílias amigas ante a possibilidade de verem negadas a seus filhos com necessidades especiais, uma perspectiva de socialização e uma vida mais integrada na sociedade. As professoras: Nori Ache dos Santos e Zulma Salgado Moraes, lutaram inicialmente pela criação de uma escola para crianças especiais.

Assim surgiu a Escola Municipal da Criança Excepcional de Paranaguá (antigo nome), com a urgente necessidade de apoio de um órgão que pudesse mais diretamente dar assistência a todo processo que envolve a educação de uma criança com necessidades especiais.

Nori e Zulma entraram em contato com o Sr. Álvaro Barros, que na época era Presidente do Lions Clube, solicitando que o mesmo fundasse a APAE de Paranaguá, fato este que se concretizou em 29/07/1968, sendo o primeiro presidente o Sr. Álvaro Barros.

Em 1985, enquanto presidente da APAE, a Prof<sup>a</sup>. Selma Camargo Meira, consciente da necessidade e fundamental importância quanto ao desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida, sentiu a urgência na criação de um Centro de Estimulação para crianças de 0 a 06 anos de idade, portadores de necessidades educativas especiais e também para crianças com elevado risco de se tornarem especiais

Assim, surgiu em 1986, a nossa escola, semente plantada pela Prof<sup>a</sup>. Selma, mas, trabalho de um grupo de pessoas como: Maria Nelly Picanço, Jacira Marecki, Renée Amorim e Laura Helena Dahle Franco.

Em 1993, recebeu a denominação de “Centro de Educação Especializado de Paranaguá” e em 20/01/00, de acordo com as orientações recebidas pelo Conselho Estadual de Educação, passa a se chamar Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço”.

A Escola de Educação Especial “Maria Nelly Picanço”, atende uma clientela oriunda de uma sociedade, onde a marginalização social, a questão da prostituição, alcoolismo e drogatização, tornam-se aspectos relevantes em nosso contexto.

Esta entidade presta atendimento especializado a portadores de deficiência mental, física, múltiplas deficiências, condutas típicas, de alto risco, inseridas nos programas de Educação Infantil, Ensino Fundamental nas modalidades de Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional em programas organizados conforme faixa etária, de forma que responda as necessidades educacionais e possibilidades de aprendizagem dos educandos.

O acesso às Escolas do Ensino Regular se faz no momento em que os alunos encontram-se aptos a freqüentá-las, contando com apoio pedagógico no contraturno na entidade e acompanhamento de professor especializado e psicólogo às escolas inseridas ofertando-lhes o suporte necessário e esclarecendo-lhes as dúvidas surgidas neste novo contexto.

A Educação Infantil (zero a seis anos), através de orientações pedagógicas visa contribuir com a implementação de práticas educativas de qualidade que

possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem no mundo é o grande desafio para os profissionais, considerando-se as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças, em que os objetivos a serem alcançados são trabalhados através das Áreas de Conhecimento.

O município de Paranaguá apresenta uma grande porcentagem de pessoas portadoras de deficiência e inúmeros casos de crianças com desnutrição oriundas de família de baixa renda.

Entendendo a importância de se detectar através de triagem possíveis distúrbios no desenvolvimento, a APAE, em parceria com o Hospital Infantil Dr. Antonio Fontes, propõe o projeto “Detecção e Prevenção” de atraso do desenvolvimento psicomotor das crianças internadas no Hospital.

### **3.1 Descrição da Pesquisa de Campo**

Foram entrevistados 10 (dez) pais e 10 (dez) mães cujos filhos começaram a frequentar o programa de Educação Precoce por volta dos 4 (quatro) meses de idade, procurando identificar-se diferentes posicionamentos a respeito do filho portador de necessidades especiais, além de verificar as relações que os envolvem.

Os pais receberam orientações individuais dos profissionais envolvidos no trabalho com a criança. São eles: psicólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo e professor.

Conforme surgiam as dúvidas por parte dos pais, estas eram discutidas e o diálogo sempre usado como principal solução.

Ao serem abordados pela pesquisadora, dispuseram-se prontamente a responder o questionário proposto.

O questionário aplicado foi composto de 10 (dez) questões objetivas, contendo alternativas pertinentes ao que foi pesquisado cientificamente e divididas em 03 (três) blocos.

No primeiro bloco, as questões relacionadas ao nascimento do filho especial e o relacionamento familiar, com os questionamentos:

- Você recebeu a notícia de que seu filho era especial através de: médico, outro profissional da área de saúde, amigos, familiares, outros;

- Enquanto pai/mãe sua reação foi de: frustração, incerteza, medo, angústia, outras;

- Ao constatar que seu filho era especial, a reação da família foi de: ajudar, unir-se, preconceito, rejeição, outra(s);

- O relacionamento familiar após o nascimento: melhorou, piorou, reorganizou-se, outras situações.

Já no segundo bloco, questionou-se sobre a presença da escola especial em sua vida e na vida de seu filho, contemplando as questões:

- Você chegou até a escola especial através da indicação de: hospital, médicos, familiares, amigos, outros;

- Ao receber as orientações da equipe multidisciplinar que avaliou seu filho: achou difícil realizar o que foi proposto, sentiu-se impotente, buscou mais informações, dedicou-se a realizar as atividades, outras;

- Como você avalia o atendimento e as informações que recebe dos profissionais envolvidos no trabalho com seu filho: péssimo, razoável, bom, ótimo, excelente, outros.

Quanto ao terceiro bloco, abordaram-se as dificuldades encontradas no cotidiano e relacionadas à superproteção:

- Em quais das situações abaixo você sente mais dificuldade: atendimento médico especializado. Falta de informações a respeito da deficiência de seu filho, a maneira como os demais 'olham' para seu filho, a incerteza quanto ao futuro de seu filho, outras;

- Você acha que superprotege seu filho: sim, não, às vezes;

- Você acha que a superproteção: atrapalha somente no desenvolvimento de seu filho, ajuda no desenvolvimento de seu filho, causa desentendimentos com os demais membros da família, os familiares não entendem essa atitude, outra.

Foram colocadas 03 (três) questões subjetivas visando à provocação:

- Qual o papel da escola, na sua opinião, em relação ao desenvolvimento de seu filho? Explique.;

- Como você descreveria o desenvolvimento de seu filho desde o nascimento até os dias atuais?;

- O que você espera ou pensa a respeito da convivência com seu filho?

### **3.2 A Voz Dos Pais...**

Apresentados os questionários, respondeu um total de 06 (seis) pais do sexo masculino, sendo que 02 (dois) separam-se das mães após o nascimento da criança e ambas permanecem sozinhas a cuidar dos filhos. Quanto à mães, 09 (nove) responderam.

Em relação à notícia de que o filho era portador de necessidades especiais, esta foi dada por médicos e os pais chegaram até a escola por intermédio dos mesmos ou de amigos.

Já no que se refere à reação paterna, ficou claro que houve predomínio do sentimento de incerteza, enquanto os sentimentos mesclaram entre medo, incerteza e angústia.

Quanto à família e sua reação, houve uma melhor união diante da situação apresentada, bem como reorganização familiar, percebida por ambos os sexos.

As respostas dadas ao primeiro bloco evidenciam a diversidade de sentimentos ao receber a notícia de seu filho ser portador de necessidades especiais, além das reações familiares terem se estreitado.

Ao chegar na escola, os pais são recebidos por uma equipe multidisciplinar que, além de avaliar o bebê, fornece atendimento tanto para os pais quanto para o bebê, informações e aconselhamento. Diante desse quadro, responderam ao segundo bloco, tanto os pais quanto as mães consideraram de ótima qualidade o que foi proposto e dedicaram-se a realizar as atividades e seguir as orientações fornecidas.

Ao disporem-se a realizar o que foi proposto, um passo importante foi dado em relação ao melhor desenvolvimento do bebê, este percebido pelos pais e confirmado pelos profissionais que trabalham com a criança.

Ao serem questionados sobre as situações em que as dificuldades se apresentam, os pais consideraram a incerteza quanto ao futuro e a falta de atendimento médico especializado como fatores preponderantes.

As mães preocuparam-se quanto à falta de informações e incerteza quanto ao futuro.

Dos dados coletados neste terceiro bloco, pôde-se concluir que as mulheres assumem a superproteção para com os filhos, embora concordem que isso

atrapalha no desenvolvimento de seu filho, causando até mesmo desentendimentos com os demais membros da família. As respostas masculinas não explicitaram se essa superproteção atrapalha ou ajuda no desenvolvimento do bebê.

Quanto às questões subjetivas, segundo as mães, a escola teve papel decisivo para que seus filhos superassem as suas dificuldades. Ressaltam o amor e o carinho como de grande importância e que estes não se estendem somente à criança, mas também à família. Além dos resultados obtidos, que não eram tão esperados. Uma delas chega a comparar a filha a um botão de rosa, que vai desabrochando pétala a pétala.

E a convivência, bem, esta é a melhor possível, tentando, a cada dia, superar as dificuldades que surgem e as de seus filhos especiais.

Apenas quatro pais responderam sobre a escola e sua importância, considerando o papel dos profissionais e sua formação como principais.

No que diz respeito à convivência e ao desenvolvimento consideram ambos em evolução, atentando para a crença de que o filho alcance os padrões da normalidade.

Ao comparar-se os questionamentos percebe-se que as mães estão mais ligadas a seus filhos, tentando superar as dificuldades e buscando respostas para cada dia. Apresentam-se inquietas, mas não impotentes, enquanto os pais do gênero masculino, apresentam-se mais realistas, embora não menos esperançosos de que os filhos portadores de necessidades sejam 'normais'.

## REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Diante das revoluções existenciais e diante do desconhecido que o nascimento impõe, é preciso criar o novo. Para que se forme a pérola, há que penetrar um grão de areia no sistema. É preciso inventar a partir de modelos.

A maior ou menor capacidade para assimilar o novo ao velho que vai definir o que acontecerá.

Para que haja o desenvolvimento global da criança portadora de necessidades, é importante a interação da família, bem como a aceitação.

Partiu-se do desenvolvimento da criança em sua primeira infância, abordando as contribuições de Piaget, Vygotsky e Walon, sob a ótica do crescimento e das fases comuns aos bebês. Como indivíduo, a criança necessita de interação com o meio e é através da afetividade, segundo os estudiosos citados e acrescentando Spitz e Winnicott, que as relações começam a estruturar-se.

Para que ocorra a inclusão na sociedade e no meio escolar, antes é necessário a aceitação e inclusão, no primeiro núcleo social que é a família.

Três são os princípios que regem a Educação Inclusiva:

a) *Dignidade humana*: exige direitos de igualdade e oportunidades. Toda a pessoa é digna e merece respeito de seus semelhantes sem discriminação.

b) *Busca da identidade*: faz-se no encontro de cada um como pessoa, identificando suas capacidades e proporcionando sua inclusão no grupo.

c) *Exercício da cidadania*: faz-se pela inserção da pessoa na sociedade, iniciando pelo convívio escolar, proporcionando acesso aos conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos.

É necessário o envolvimento dos pais no processo de integração, tanto no ambiente social, escolar e familiar, pois são eles os primeiros agentes da intervenção educacional. E a aceitação, embora seja um processo lento e demorado implica em medidas perseverantes e realistas (de certa forma), por parte da escola, já que os pais a têm como papel importante para o desenvolvimento de seu filho.

A afetividade, portanto, tem papel primordial tanto na relação dos pais com seus filhos, quanto dos pais com os profissionais envolvidos no trabalho e dos filhos com os profissionais.

A partir da disseminação de informações para os pais, a respeito da

exploração das potencialidades de seu bebê, priorizando a independência, a criança portadora de necessidades especiais estará melhor preparada, deixando a idéia de “bebê” para os seus genitores, de lado, na idade adulta, e preparando-a para que os pais poderão não estar a seu lado no decorrer de sua existência.

Quanto maior for a compreensão, por parte da família, de que o afeto representa a alavanca para o desenvolvimento da criança melhor será para o bebê portador de necessidades especiais.

Hoje, toda criança tem direito ao atendimento educacional, de saúde e de possuir uma família. Pertencem à sociedade e devem usufruir de todos os seus direitos. Estes, devem ser constantemente supervisionados por órgãos competentes e pela maior entidade, que é a sociedade.

Esta pesquisa, portanto, vem reforçar o que se propôs a pesquisar, de que a família é o alicerce do processo de desenvolvimento do portador de necessidades especiais, segundo os padrões adotados socialmente, com idade entre zero e dois anos.

A importância do aconselhamento aos pais revelou-se positivamente, influenciando não só no quesito desenvolvimento, mas também como estreitamento das relações entre pais e filhos e seu familiares, integrando-os à sociedade em que estão inseridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOCK, Ana M.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias – Uma Introdução ao Estudo**. Cap. 7.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96**. Fórum Paranaense em Defesa da Escola Pública Gratuita e Universal.
- BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial. **Série: Educação Inclusiva**. Brasília: 2004.
- COLL, César. **Aprendizagem Escolar e Construção o Conhecimento**. Ed. Artmed, 2ª edição – 2002.
- FEDERAÇÃO NAIONAL DAS APAES. **APAE Educadora: a escola que buscamos**. Coleção Educação e Ação (vol.1). Brasília: Federação Naional das APAEs, 2001.
- FONSECA, Vítor da. **Educação Especial – Programa de estimulação Precoce – Uma introdução às Ideais de Feuerstein**. Ed. Artmed, 2ª edição, 1995.
- MOFFATT, Alfredo. **Terapia de Crise – Teoria Temporal do Psiquismo**. Ed. Cortez, 2ª edição – 1983.
- OLIVEIRA, Marta Khol de. **Vygotsky – Aprendizado e Desenvolvimento: um processo histórico**. Editora Scipione, 4ª Edição – 1998.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Psicologia & Educação: Revendo Contribuições**. Ed. Educ – Fapesp. São Paulo – 2002.
- RODRIGUES, Maria de Fátima A.; MIRANDA, Silvana de Moraes. **A Estimulação da Criança Especial em Casa**. Ed. Athneu, 1ª edição - 2001.
- SPITZ, René. **O Primeiro ano de Vida do Bebê**. Ed. Martins Fontes, 2ª edição, - 2000.

TAILLE, Ives de La; OLIVEIRA, Marta Khol; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotsky, Wallon – Teorias Psicogenéticas em Discussão**. Ed. Summus, 13ª edição – 1992.

TISI, Laura. **Estimulação Precoce para Bebês**. Ed. Sprint, 1ª edição - 2004 .

WINNICOTT, D. W. **Os Bebês e Suas Mães**. Ed. Martins Fontes, 2ª edição – 2002.

## APÊNDICE



